

RESENHA

PEREIRA, Levi Marques. 2009. *Os Terena de Buriti: formas organizacionais, territorialização e representação da identidade étnica*. Dourados, Editora UFGD, 170 pp*

Falar e escrever sobre os Terena é recuperar um importante capítulo da história da antropologia brasileira, como certa vez ponderou Roberto Cardoso de Oliveira (2002). Os Terena, representantes mais meridionais dos povos de língua e cultura aruaque no Brasil, aparecem na literatura antropológica especializada a partir do final dos anos 40, embora os relatos de cronistas, literatos e viajantes sejam anteriores a este período. A primeira grande referência que se tem dos Terena, esta anterior ao século XX, dá conta da sofisticação agrícola e da disposição à convivalidade e ao associativismo com os povos que lhes são estrangeiros, atributos coextensivos à estrutura social indígena.

A literatura e a própria oralidade indígena sugerem que no passado os Terena teriam se confederado aos aguerridos Guaicurú, a fim de evitar as invasões inimigas às aldeias e o saque dos roçados. Em troca de proteção militar os Terena, que se autodenominam Poké'e (gente da terra), abasteciam os Guaicurú com mandioca, milho e outros produtos da lavoura. Sensível a essas características, que aliás são anteriores ao evento do contato, é possível até mesmo avistar, ainda que a título de hipótese, o interesse dos Terena pelo mundo dos brancos como uma transformação estrutural, embora não seja esse o propósito de *Os Terena de Buriti*.

O Livro *Os Terena de Buriti*, do etnólogo Levi M. Pereira, recupera as reflexões de

PATRIK THAMES FRANCO**

um trabalho de investigação pericial desenvolvido na Terra Indígena Buriti em razão de litígio fundiário envolvendo um coletivo Terena. Trata-se de uma tentativa de revisão do produto etnográfico do autor que, em parceria com o historiador Jorge Eremites de Oliveira, visitou aldeias Terena localizadas nos municípios de Sidrolândia e Dois Irmão do Buriti, Mato Grosso do Sul. Dividido em cinco capítulos, esse livro se inclui de modo muito bem vindo a um "movimento de renovação na etnografia Terena" (Pereira 2009:32).

No capítulo inicial, Pereira realiza uma breve revisão bibliográfica das principais etnografias sobre os Terena, enfatizando os trabalhos de Kalervo Oberg e de Roberto Cardoso de Oliveira. O autor aponta as principais lacunas deixadas pelos clássicos, dentre elas a inclusão dos Terena na rede de povos de língua e cultura aruaque, e a descrição adequada da organização social e da sociocosmologia indígena, tópicos ofuscados pelos temas de aculturação e mudança cultural. Na segunda parte, realiza uma crítica à hipótese sustentada pelos clássicos que inadmitte a presença Terena na região como fato anterior ao século XIX.

O segundo capítulo se destaca pela crítica nativa ao conceito ocidental de aldeia, cujo debate recai sobre o conceito Terena de tronco. Inspirado na crítica do material melanésio ao problema geral dos conceitos

* Texto completo disponível em: <http://www.ufgd.edu.br/editora/catalogo/os-terena-de-buriti>

** Doutorando em Antropologia Social (Unicamp)

proposta por Strathern (1988), e auxiliado pelo método genealógico de Rivers, Pereira sugere que a aldeia aparece como uma configuração de troncos. O tronco é uma clara expressão da chefia hereditária. O tronco, ou kurú, se aplica a uma parentela bilateral reunida por relações de consangüinidade em torno do Big Man, e cuja relação com outros troncos configura uma aldeia.

O terceiro capítulo, o mais importante do livro, ou pelo menos o mais citado, é apresentado pelo autor como um “ensaio exploratório” (Pereira 2009:85) sobre os componentes essenciais do ethos Terena. Pereira sugere que os Terena possuem uma “feição típica, facilmente identificável pelos integrantes desse grupo étnico” (Pereira 2009:83), cuja explicação se daria fora do paradigma interétnico. A inclinação à flexibilização e adaptação frente a outras socialidades e outros atributos relacionados a uma estética social do cotidiano, para lembrar Joanna Overing (1999), explica a primazia da convivialidade e diplomacia sobre a predação e o conflito enquanto princípios básicos de ordenamento da vida social.

A inspiração para a formulação do conceito de ethos curiosamente não procede de Gregory Bateson (1958), mas do sociólogo Norbert Elias e seus estudos sobre a sociedade de corte francesa. Pereira sugere que a “formação social” dos Terena (hospitalidade, cordialidade, fino trato, maneira amena de falar) se aproxima, enquanto tipologia, da sociedade de corte (Pereira 2009:96). O conjunto desses componentes daria forma ao ethos, cujo lócus estaria no plano do gesto e da etiqueta (Pereira 2009:103).

O quarto capítulo também explora outro tema de fundamental importância: a relação com a exterioridade. Os Terena nunca negaram o interesse por uma vida integrada ao mundo dos brancos, fato que chamou a atenção de muitos antropólogos interessados nos paradigmas de aculturação. Mais uma vez Pereira se afasta dessas formulações, buscando possíveis respostas não na nação, mas no mundo vivido indígena. O autor nos

remete às redes de relações mantidas com os Guaicurú no Chaco, para mostrar que a facilidade dos Terena em contrair boas relações com o exterior é anterior ao contato com os brancos, e que por isso não se explica apenas por esta via.

O quinto capítulo atende a dois grandes debates: a construção da identidade em cenário interétnico, e a sociocosmologia indígena. A primeira parte fica por conta de uma reflexão sobre o problema da tradição a partir do contexto da modernidade. Mas o ponto forte do capítulo se concentra na segunda parte, onde o autor recupera importantes elementos da sociocosmologia Terena. O discurso de Dona Senhorinha, uma especialista religiosa, revela uma sofisticada cosmologia povoada pelos Natiacha [naati: chefe; acha: mato], uma categoria de seres espirituais que gerenciam a caça e a relação com o animal, uma interessante teoria indígena da natureza e da cultura infelizmente ainda pouco explorada pelos etnólogos.

Os Terena de Buriti é antes de tudo sensível ao mundo vivido indígena. Sem dúvida um importante incentivo para a nova etnologia Terena, cujo foco tem se voltado cada vez mais para temas pouco explorados pelos clássicos, tais como a noção de pessoa, a onomástica, o parentesco e a produção dos corpos e das substâncias. À guisa de conclusão, entretanto sem a pretensão de esgotar o assunto, saliento que além de contribuição à etnologia sul americana, Os Terena de Buriti é também boa literatura. O leitor encontrará não apenas importantes insights, mas também o rigor e a sensibilidade do trabalho de um etnólogo bem (in) formado.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BATESON, Gregory. 1958. *Naven*. California, Stanford University Press.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. 2002. *Os Diários e suas Margens: viagem aos territórios Terêna e Tükúna*. Brasília, Ed. UnB.

OVERING, Joanna. 1999. “Elogio do Cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica”. *Mana*, Rio de Janeiro, 5(1).

STRATHERN, Marilyn. 1988. *The Gender of the Gift: problems with women and problems with society in Melanesia*. Berkeley, University of California Press.

Recebido de 30 de Agosto de 2011